

MOVIMENTOS POPULARES E DISCERNIMENTO CRISTÃO *

Situação no Brasil

J. B. Libânio S.J.

Tema que tem sua complexidade e sujeito a análises diferenciadas. Supõe um mínimo de análise histórica, estrutural e conjuntural. No limite de breve síntese, tentarei indicar aqueles elementos julgados fundamentais, deixando de lado complementações até mesmo importantes para o debate oral e intervenções adicionais.

I. ALGUNS DADOS DA HISTÓRIA RECENTE

A atual problemática dos movimentos populares e sua relação com a atuação de cristãos sofreu decisiva marca de dois fatos, não absolutamente sincrônicos, mas que, dentro de certa autonomia e originalidade, se influenciaram mutuamente.

1. Desarticulação dos movimentos populares quando do golpe militar de 1964

Os governos populistas permitiram crescimento da organização e de certo modo da força popular. Nos últimos anos antes do golpe, durante o Governo de João Goulart de caráter nacional-reformista, esse crescimento se acelera com a emergência de movimentos populares, não somente no meio urbano, industrial, mas no campo, com sindicatos rurais e com as ligas camponesas. O golpe de 1964 significa a vitória do bloco de interesses multinacionais e associados contra a tendência nacional-reformista e contra as classes subordinadas. Segue-se, portanto, virulenta ação repressiva contra as classes populares, desarticulando-lhes os movimentos sociais, intervindo nos sindicatos, reprimindo as ligas

(*) Trabalho apresentado ao Simpósio sobre Movimentos Populares e Discernimento Cristão, organizado por *Pro Mundi Vita* e realizado em Hervelee-Leuven, Bélgica, de 25 a 29 de setembro de 1983.

camponesas, etc.(1).

Desmobilização, repressão, intervenção do Estado autoritário golpeiam e praticamente reduzem ao silêncio os movimentos populares. Os canais normais de expressão das classes subalternas fecham-se. Os sindicatos são ou governados por "pelegos" (operários a serviço do sistema, entrosados com os interesses do Ministério do Trabalho) ou se tornam instituições promocionais, perdendo força política.

2. Dissolução da Ação Católica

Os jovens universitários (JUC) e secundaristas (JEC) vinham assumindo crescente compromisso social, desde o objetivo de converter "espiritualmente" o meio até entrar na luta política para transformar a realidade política estudantil e depois nacional. Tal linha pastoral rompe as fronteiras da consciência possível da hierarquia e de amplos setores do catolicismo, ainda presos a um mundo clericalmente pensado. Nos últimos anos, a JUC se articulava com um trabalho popular de educação de base (MEB), reforçando a impressão do crescimento de um processo profundo de transformação social. Depois do golpe, verificou-se que se tratava mais de impressão, artificialmente alimentada por forças reacionárias, a fim de legitimar o golpe diante dos católicos.

O golpe de Estado de 1964 desferiu uma rude perseguição a esse setor de avançada da Igreja. Somando-se a uma sempre maior incompreensão por parte da hierarquia a respeito do compromisso político do leigo, as JUC e JEC são praticamente dissolvidas em 1966 pela autoridade eclesiástica, responsável por esse setor da Igreja(2).

Estes dois fatos sugerem duas reflexões conclusivas. Parece que a Igreja do Brasil encerra, com o golpe de 64 e suas conseqüências dentro de uma Igreja já embalada pelo espírito do Concílio Vaticano II, sua longa história de *crístandade* e *neocrístandade* para entrar pouco a pouco numa situação de autonomia crítica diante do Estado e mesmo de um conflito permanente. Uma outra observação relativiza o silêncio imposto aos movimentos populares. Uma história não morre com simples golpe. A memória de tais movimentos persiste. Sua presença continua sob outra forma, como veremos eclodir mais tarde. É uma desarticula-

(1) R. A. DREIFUSS, 1964: *A Conquista do Estado. Ação Política, Poder e Golpe de Classe*, Ed. Vozes, Petrópolis 1981.

(2) L. A. GÓMEZ DE SOUZA, *Les étudiants chrétiens et la politique au Brésil*. Thèse de doctorat du 3ème cycle, Univ. de la Sorbonne Nouvelle, Paris 1979.

ção no nível do visível, da publicidade(3).

II. A IGREJA: O NOVO ESPAÇO

Este duplo fato — desmobilização dos movimentos populares e dissolução das JUC e JEC — deixou as classes populares em descoberto e doutro lado liberou energias da Igreja até então ocupadas com os setores médios da sociedade.

As classes subalternas procuram então a Igreja, como único espaço, ainda, sob certo aspecto, preservado. Apesar da perseguição que se abate sobre determinados segmentos da Igreja — leigos engajados, agentes de pastoral comprometidos e alguns bispos —, sua magnitude e sua credibilidade moral diante da nação não permitem uma intervenção violenta sobre ela. Não há decreto que consiga intervir numa diocese, como se fez nos sindicatos ou entidades estudantis ou universitárias, nomeando algum coronel bispo ou arcebispo. Esse espaço resguardado da Igreja vai sendo lentamente ocupado pelas classes populares e aí dentro inicia-se a organização dos movimentos sociais e populares. Portanto, a falta de outros canais de expressão popular fez com que a Igreja durante certos anos fosse o único canal dessa expressão, seja pela boca de seus hierarcas — voz dos sem voz (D. Helder), seja como espaço de certa maneira protegido para desenvolver as lutas e organização populares.

A Igreja abre-se a tais classes. Em vão, as classes populares tentariam penetrar o recinto da Igreja, se esta não estivesse em sintonia com elas. Vários fatores a prepararam. Antes de tudo, o espírito social criado pelas grandes encíclicas de João XXIII, que tiveram ampla repercussão em um episcopado até então em sua grande maioria profundamente tradicional nas questões sociais. Dele valia o que se dizia das classes dominantes e do Estado: "problema social é caso de polícia". Acelerando esse ritmo criado por João XXIII, o Conc. Vaticano II, em curso, permitiu clima de muita discussão e abertura no interior da Igreja. A preocupação com os pobres aflora no interior desse Concílio por influência de bispos como Helder, Card. Pellegrino, PP. Congar, Gauthier e outros.

Além disso, a experiência de educação popular — MEB —, experiência de catequistas populares (Volta Redonda), outras experiências de educação comunitária de base (Natal, Nísia Floresta) criaram clima de aber-

(3) C. PALÁCIO, *A Igreja na Sociedade — Para uma interpretação da "consciência" e da "práxis" atuais da Igreja no Brasil*, in: C. PALÁCIO (coord.), *Cristianismo e História*, Ed. Loyola, São Paulo 1982, pp. 307-350.

tura no interior da Igreja para as classes populares. As lutas das JEC e JUC, embora terminassem no fracasso de sua extinção, deixaram, porém, um saldo de abertura na consciência da Igreja. E finalmente, a participação no destino de sofrimento, de perseguição com setores médios e populares da sociedade, levou a Igreja a um crescente afastamento do poder e uma aproximação das classes populares. De fato, o regime militar não confiava na Igreja. O relatório preparado por ocasião da visita de Rockefeller ao Brasil apontava a Igreja como instância hostil a uma implantação mais violenta do capitalismo internacional em detrimento das classes subalternas(4). E tudo isso sacramentado pela autoridade de Medellín (1968).

III. A NOVIDADE QUE SURGE

No silêncio da repressão, iniciada em 1964 com o golpe militar, e intensificada com outro golpe dentro do golpe — o famigerado ato institucional nº 5 (AI-5) — germinam duas novidades, uma política e outra eclesial em íntima simbiose: os novos movimentos populares sociais e as comunidades eclesiais de base.

1. Os novos movimentos populares sociais

As classes populares habituaram-se ao longo dos séculos à resistência, de tal modo que os momentos de abertura são curtas férias de descanso à espera da dura realidade da luta. Para os setores médios — sobretudo estudantes e intelectuais —, os anos de repressão foram pesadíssimos, no momento em que quiseram opor-se ao regime. Conheceram a tortura, o assassinato, os seqüestros, o banimento, a clandestinidade, a marginalização política, etc... Assim esses setores de esquerda revolucionária fecharam-se em si mesmos em desesperada luta armada contra o regime, com o desfecho trágico da própria eliminação pelas forças de segurança.

Enquanto isso as classes populares iniciavam mais uma etapa de resistência. Tecem-se laços primários de solidariedade na sobrevivência diária. "Relações de vizinhança, parentesco, compadrio ou amizade, permitiam a proteção imediata dos indivíduos diante de um clima social

(4) Frei BETTO, *O que é Comunidade Eclesial de Base*, Ed. Brasiliense, São Paulo 1981.

de medo. Foi em boa parte o desenvolvimento desses laços diretos entre pessoas, que confiavam umas nas outras, que deu origem a vários movimentos de base”(5). Dessa resistência começam a surgir movimentos sociais populares, no início, de forma fragmentária, tais como: associações comunitárias, grupos políticos de crescimento molecular, comissões de fábrica, movimentos culturais, clubes de mães ou de jovens, grupos de oposição sindical, tendências estudantis. Esses núcleos alimentam movimentos mais amplos e representativos das populações da periferia. Movimentos contra a carestia, movimento do custo de vida, de loteamentos clandestinos, pela abertura de creches congregam em seu seio pessoal vindo das comunidades eclesiais de base (CEB), dos clubes de mães, das associações locais, que se criaram e desenvolveram a partir da reunião de vizinhos(6).

Numa palavra, a originalidade desses novos movimentos advém da maneira como eles se originam. Não são os clássicos partidos da esquerda, nem pelegos que os organizam. Mas a proximidade habitacional e a urgência das lutas congregam as pessoas em núcleos organizados de reivindicação, de protesto, de solidariedade, de denúncia. Esses núcleos se entrelaçam em movimentos mais amplos, auxiliados sobretudo pela grande Igreja e em parte por outras instituições de defesa dos direitos humanos e de oposição partidária, sobretudo nos últimos anos. As CEBs da periferia foram, sem dúvida, entre as mais importantes matrizes de organização popular. Assim podemos afirmar que a “Igreja é a grande organizadora dos movimentos de bairro em São Paulo... sem ela não existiriam os movimentos populares que existem hoje, eu diria em 90%”(7).

Como estudo de caso, poder-se-ia tomar o exemplo do Movimento do Custo de Vida — que depois assumiu o nome de Movimento contra a carestia — que atingiu repercussão nacional, ao coletar 1.250.000 assinaturas de protesto contra o aumento do custo de vida e ao levá-las à capital federal. Na origem de tal movimento estão em grande parte as CEBs. Além disso, ao longo de seu desenvolvimento o apoio da grande Igreja institucional de S. Paulo foi decisivo. As divisões regionais seguem as circunscrições da Igreja, a grande reunião de milhares de pessoas no término da campanha se faz dentro da Catedral, a infra-estrutura usada é a da Igreja (e também dos sindicatos), a pedagogia em parte se apren-

(5) V. CALDEIRA BRANT, Da Resistência aos Movimentos Sociais: A emergência das classes populares em São Paulo, in: P. SINGER — V. C. BRANT, *São Paulo: O povo em Movimento*, Ed. Vozes, Petrópolis 1981, p. 13.

(6) V. CALDEIRA BRANT., o. c., p. 14.

(7) Hermínia MARICATO, *Em Tempo*, n. 42, 18-12-1978.

deu nas e das CEBs(8).

A evolução, porém, desses movimentos vai na direção de uma maior autonomia em relação à Igreja institucional, sem contudo renunciar a determinados apoios estratégicos em momentos de crise, de perseguição. Fica contudo o dado inconcusso de uma significativa presença da Igreja na sua origem, no seu desenvolvimento, oferecendo apoio logístico e fazendo-se ativa através dos membros das CEBs.

No campo do trabalho, surge também um novo sindicalismo(9). A originalidade de tal sindicalismo está em que se desvincula da tendência populista pelega. Nesta, os sindicatos eram massa de manobra para políticos populistas, participando da aliança com as classes no poder. Surge um sindicalismo democrático, da base, com experiência de participação. Alimentado em grande parte pelas comissões de fábricas, pela experiência nas CEBs. Desde a segunda metade da década de 70 iniciam as primeiras greves tartarugas, de maneira quase imperceptível até eclodir as grandes greves de 78 a 80. De seu seio, surgem novos líderes sindicais de forte base popular, como Lula, que mais tarde se transforma no fundador do Partido dos Trabalhadores (PT).

No campo também pululam movimentos populares. Aí a presença da Igreja é ainda mais significativa, seja através da pastoral das CEBs, seja através da CPT (Comissão da Pastoral da Terra). Os movimentos nascem das lutas sobretudo pela terra, que é ao mesmo tempo habitação e lugar de trabalho. Por isso, no campo os movimentos sociais atingem a esfera da reprodução e da produção, numa frente que se investe contra o Estado na pessoa freqüentemente do prefeito, do delegado, dos executores dos grandes projetos agro-industriais ou explorativos de minérios, e contra os proprietários de terra — também eles, ora latifundiários, ora empresas, ora projetos do Estado.

Diferentemente da cidade, até o presente a presença da Igreja ainda é hegemônica nesses movimentos. O símbolo de tal envolvimento é a prisão de dois padres franceses e 11 posseiros, envolvidos em lutas na explosiva faixa de terra às margens do rio Araguaia.

Concluindo esse parágrafo, constatamos surto vigoroso de movimentos populares na cidade e no campo, ligados ao mundo da habitação, do trabalho. "Neste conjunto, no período repressivo, as CEBs se constituíram em motor de todo este movimento popular, animando-o e

(8) T. EVERS, Os Movimentos Sociais Urbanos: O caso do Movimento do Custo de Vida, in: VÁRIOS, *Alternativas Populares da Democracia*, Ed. Vozes, Petrópolis 1982, pp. 73-98.

(9) J. A. MOISÉS, Qual é a Estratégia do Novo Sindicalismo, in: VÁRIOS, *Alternativas Populares da Democracia*, Ed. Vozes, Petrópolis 1982, pp. 11-39.

em vários casos, sustentando-o e mesmo organizando-o”(10). As CEBs foram sementeira de movimentos populares (Frei Betto).

2. Um novo modo de ser Igreja: comunidades eclesiais de base

A abertura da Igreja aos movimentos populares e sua presença no seu seio provocaram transformações em sua estrutura. Se de um lado a Igreja foi espaço protetor dos movimentos sociais, doutro lado estes movimentos foram fator de mudança da Igreja. A experiência de base no interior da Igreja anima movimentos populares e estes reforçam tal experiência.

As comunidades eclesiais, que surgiram no início da década de 60, estavam ainda mais voltadas para a vida interna da Igreja, para os aspectos religiosos e espirituais. Pouco a pouco, através sobretudo de uma crescente e feliz articulação entre fé e vida, entre Palavra de Deus e luta, entre celebração litúrgica e celebração da vida diária, as CEBs participam maioritariamente dos núcleos populares de luta reivindicativa — luta pela água, esgoto, escola, transporte, posto de saúde, creche, luz, asfalto, etc... —, luta de apoio a outras iniciativas, luta de denúncia a violações de direitos humanos, luta de resistência sobretudo à repressão policial, à expulsão da terra ou do lote clandestino, ao despejo do barraco, etc... Mais exatamente, a comunidade eclesial reforça sua consciência de base nessas lutas. E o aspecto eclesial, por sua vez, é realçado no contacto com a palavra de Deus, com os agentes de pastoral, com o bispo, com as celebrações sacramentais e outras — tais como procissões, via-sacras, rosários, peregrinações, festas do padroeiro, etc...

Nos diferentes Encontros Intereclesiais de dimensão nacional, realizados desde 1975 até o último agora em julho de 1983(10 bis), aparece cada vez mais clara a tranqüila articulação e síntese na consciência da base entre fé e compromisso com as lutas populares, vivência eclesial e participação nos movimentos populares. E os problemas em geral vêm dos agentes de pastoral — sacerdotes, religiosos(as) ou leigos ilustrados. A problemática, que está agitando os meios eclesiásticos até em suas altas cúpulas, freqüentemente retomada pela grande imprensa burguesa, da politização das CEBs, da infiltração de agentes “subversivos”, ou coisas semelhantes, gira fora da consciência da base e dentro da cabeça des-

(10) L. E. WANDERLEY, *Utopia e Movimento Popular*, Ad instar mauscripti, São Paulo 1983, p. 9.

(10 bis) M. de FRANÇA MIRANDA, O Quinto Encontro Intereclesial de Comunidades Eclesiais de Base, em: *Persp. Teol.* 15 (1983) 401-405 (N. da R.).

ses meios clericais.

A metodologia dos círculos bíblicos, desenvolvida sobretudo por Frei C. Mesters, desempenhou papel fundamental na educação das CEBs em vista à articulação entre fé e vida, Palavra de Deus e compromisso social. Não é de excluir também a influência do método da Ação Católica — Ver, Julgar e Agir — que certamente esteve e está presente nos Círculos Bíblicos. E outro fator pedagógico decisivo tem sido a presença da pedagogia libertadora, desenvolvida por Paulo Freire em seus diferentes livros. Elementos do processo de conscientização já estão diluídos em todo o conjunto da caminhada das CEBs no trabalho de articular fé e política, ainda que não se mencionem tais pontos explicitamente. Já pertencem ao capital simbólico das CEBs, de modo quase espontâneo e natural.

Concluindo esse parágrafo, aparece clara a mútua influência entre os movimentos populares e as CEBs. Elementos mais participativos, democráticos dos movimentos populares devem muito à metodologia das CEBs. Movimentos que arrancaram de núcleos ligados à habitação encontram nas CEBs origem e inspiração. Por sua vez, as CEBs alimentam seu compromisso social, realizam com naturalidade e facilidade a articulação entre fé, Palavra de Deus e as lutas populares, graças à presença dos movimentos populares no seu universo de ação. Os atritos vêm mais por causa de agentes de pastoral não-populares, que trabalham em meio ao povo, que têm seus problemas com essa articulação por causa de toda uma formação dicotômica e de preconceitos.

O fenômeno das CEBs revela uma nova autocompreensão do mistério da Igreja, de sua identidade, não só por causa de sua ancoragem sociológica no meio das classes populares, mas principalmente pela inteligência de sua missão teológica de anunciar o Evangelho primeiramente aos pobres. E nessa evangelização, acontece verdadeira conversão de esquemas de poder, de formas tradicionais para nova forma de existir mais simples, despretensiosa, pobre.

IV. DESAFIOS AO DISCERNIMENTO

Essa nova situação seja dos movimentos sociais populares como das CEBs levanta desafios ao nosso discernimento eclesial. Há conquistas e ganhos a serem mantidos. Há limites a serem superados, que ora surgem de dentro das conquistas, ora se põem em toda novidade.

1. Conquistas a manter

A. Autonomia e articulação entre os movimentos populares e as CEBs

Não vamos tratar das questões só dos movimentos populares, mas das CEBs e daquelas decorrentes da relação entre ambos.

A autonomia dos diferentes movimentos populares entre si, na sua relação com os sindicatos e com os partidos, é já um problema político complexo que os cientistas sociais têm trabalhado(11). Tal problema complexifica-se ao relacionar-se com a esfera religiosa. Salvar a autonomia significa que cada uma dessas instâncias conserve claros os próprios objetivos, estratégia e política. Autonomia opõe-se à exclusão, à absorção ou à subordinação instrumentalizante. Articulação quer dizer que as diferentes instâncias — mov. populares ligados à reprodução, à produção ou ao partido, comunidades eclesiais — oferecem elementos de enriquecimento e de crítica para o avanço de uma grande causa comum, de um projeto englobante. Neste projeto há espaço para cada uma dessas instâncias na sua especificidade e se implanta na medida em que elas se unem em torno ao objetivo comum. E a raiz última dessa possibilidade é a comunhão numa mesma situação objetiva que afeta todos esses movimentos populares, seculares ou religiosos.

Numa reflexão formal e abstrata, à vezes pode parecer muito complexa a problemática. Entretanto, as camadas populares têm encontrado mais facilmente tal integração. Não foi nada estranho, por ex., que ao final de reunião de preparação de greve, os presentes encerrassem o encontro com uma oração do Pai Nosso de mãos dadas. Ou ao dirigir-se para um comício do Partido dos Trabalhadores, a multidão cantasse as mesmas músicas que usam nas celebrações religiosas nas CEBs. De uma luta, ao perceberem-se irmanados na mesma fé, confluem para uma celebração religiosa. A vitória dos camponeses em Alagamar, Paraíba, conseguindo através de fortes pressões a desapropriação de parte das terras pelo Estado, termina em grandes celebrações de fé.

A articulação entre os movimentos populares e as CEBs deixa-se

(11) L. E. WANDERLEY, *Utopia e Movimento Popular*, ad instar manuscripti, São Paulo 1983; ID., *Movimentos Sociais Populares: Aspectos econômicos, sociais e políticos*, in: *Encontros com a Civilização Brasileira*, nº 25 — julho de 1980, pp. 107-130; L. A. GÓMEZ DE SOUZA, *Classes Populares e Igreja. Nos caminhos da história*, Ed. Vozes, Petrópolis 1982; L. G. SOUZA LIMA, *Notas sobre as CEBs e a organização política*, in: VÁRIOS, *Alternativas Populares da Democracia*, Ed. Vozes, Petrópolis 1982, pp. 41-72; ID., *Evolução Política dos Católicos e da Igreja no Brasil*, Ed. Vozes, Petrópolis 1979.

compreender também a partir da natureza própria dos dois interlocutores. Os movimentos populares nascem da dinâmica organizacional do povo, como um contrapeso da racionalização organizativa das instâncias de poder na sociedade. Nas nossas atuais sociedades capitalistas, o poder organizado vem sendo sustentado pelas classes burguesas, usufruindo portanto dos efeitos dessa aliança. As classes populares continuam alijadas de tais instâncias. Numa reação social de defesa, elas se organizam, surgindo como um novo poder que tenta contrabalançar, puxando para seu lado o prato do poder, suspenso nas mãos das classes dominantes, burguesas.

A Igreja institucional, na sua forma clássica, procurou ser neutra, ainda que ajudasse na prática mais o lado dominante. Suas instituições, sobretudo paroquiais, permitiam que fossem freqüentadas por pessoas de ambos os lados do poder. Numa atitude julgada universalista de caridade, ela assistia a esse jogo com uma pregação religiosa e moral, que o atingia somente de modo indireto pela via da consciência individual.

A problemática modifica-se precisamente com o surgimento das CEBs. Pois elas estão ancoradas no meio popular. Próximas aos movimentos populares, seja por deles nascerem, ou por que estiveram em sua origem. Essa neutralidade anterior, percebida então no seu caráter oficial e fictício, desaparece através de uma opção pelos pobres.

O desafio cristão está em que não seja o último determinante o fato sociológico do entrelaçamento dos movimentos populares e das CEBs — proximidade histórico-geográfica — mas o critério evangélico. Em outros termos, a articulação entre movimentos populares e CEBs não advém pelo mero fato de convivência material, mas por causa do sentido evangélico profundo dessa relação.

Nessa articulação entre CEBs e movimentos populares tem-se assistido a certos deslocamentos, sobretudo no setor urbano. A presença das CEBs foi freqüentemente a origem e força propulsora do movimento social. A grande instituição eclesial ainda reforçava tal presença dando cobertura diante de ataques do sistema, de classes dominantes, de certos setores eclesialistas conservadores. Hoje muitos desses movimentos caminham com suas próprias pernas. A presença da Igreja é perdida somente em momentos de maior turbulência. A articulação tem sido feita através da presença de membros das CEBs nos movimentos populares, ou como simples participantes, ou mesmo em postos de liderança. O contacto com as CEBs desses membros é-lhes continua refontização espiritual, verdadeira injeção de esperanças, seja por meio de revisões, seja por meio de celebrações. O risco permanece sempre de a instituição eclesial, através sobretudo de seus agentes de pastoral — sacerdotes, religiosos(as) e leigos(as) qualificados — querer manter uma

tutela sobre os movimentos populares, não os deixando soltar-se do cordão umbilical do seio que os gerou e alimentou.

Ficam, portanto, dois extremos a serem evitados: renunciar a qualquer presença no seio dos movimentos populares ou mantê-los sob a asa protetora da instituição eclesíastica. Outro risco vai na direção de trazer para dentro da CEB polêmicas próprias dos movimentos ou de levar para dentro deles disputas clericais. Ser lúcido suficiente para não deixar-se envolver por polêmicas envenenadas, que confundem de propósito as instâncias para desprestigiarem a ambas: a política dos movimentos populares e a religiosa das CEBs. Em outros termos, não permitir que a espiritualidade seja seqüestrada, na sua forma de liturgia e de vivência, para dentro de uma comunidade eclesial conservadora, deixando as CEBs entregues a um secularismo esvaziante. Ou seqüestrar o político unicamente para a esfera do interesse de partidos ou movimentos sociais, deixando as CEBs restritas ao âmbito de uma piedade privatizante. Isto significa que a maturidade das CEBs advirá quando elas conseguirem certa hegemonia litúrgica e espiritual no sentido de terem-se criado formas litúrgicas e de vivência espiritual, onde o compromisso social com os movimentos populares e as celebrações da palavra estejam integrados. É perceptível, observa L. Wanderley, que a Igreja das bases está preocupada e inquieta sobre a necessidade absoluta de interconectar as práticas de cunho pastoral com as práticas de cunho político(12). Naturalmente para que as CEBs possam realizar tal tarefa precisam trabalhar simultaneamente o conhecimento da realidade social através de instrumentos teóricos de análise social como da Palavra de Deus através de sua leitura refletida — máxime nos círculos bíblicos.

B. Prática participatória no interior da Igreja e dos movimentos sociais

O novo sindicalismo e os movimentos sociais populares recentes têm demonstrado uma forma maior de participação nas decisões, na execução dos projetos. Cresceu em seu interior o grau de democracia, de tal modo que se transforma em característica própria deles. Isso aconteceu não sem certa influência da prática das CEBs. Portanto, as CEBs têm sido uma forma nova de ser Igreja em que o nível de participação das pessoas simples atinge grau bem elevado. A experiência mais significativa tem sido as "Assembléias do Povo de Deus", em que as igrejas lo-

(12) L. E. WANDERLEY, *Movimentos Sociais Populares: Aspectos econômicos, sociais e políticos*, in: *Encontros com a Civilização Brasileira*, nº 25 — julho de 1980, p. 130.

cais decidem sobre os pontos mais importantes de sua caminhada. Nessas assembléias a maior parte vem das CEBs. Isso significa que seus membros assumem papel hegemônico nas decisões. Evidentemente têm variado nas diferentes igrejas particulares a relevância e freqüência dessas assembléias. Mas certamente se delineia naquelas igrejas mais comprometidas com as classes populares a tendência de sempre valorizar mais essas assembléias para determinar os planos, as prioridades, as estratégias pastorais.

Esse grau de participação atingirá fase de maturação quando alcançar dois setores muito sensíveis às autoridades eclesiásticas: os ministérios e a liturgia. A participação nos ministérios envolve não somente certa presença na escolha dos ministros em níveis crescentes — ministros locais leigos, sacerdotes, bispos... — como na criação de novos ministérios. Na liturgia, tratar-se-ia de participar na sua própria produção e não no simples desenrolar.

Essa maior participação no interior da Igreja local não está alheia ao acesso ao saber "eclesiástico" — teológico e canônico. Na medida em que leigos, também das bases, participarem de maior grau de conhecimentos teológicos por meio de cursos, estudos, leituras sua possibilidade de participar cresce. Nesse sentido, os Centros Bíblicos Populares (CEBI) com seus subsídios e cursos, a prática dos círculos bíblicos desempenham papel relevante na democratização da Igreja na base. A Palavra de Deus deixa de ser um monopólio do clero, para estar ao alcance do simples fiel da base. Essa verdadeira catequese bíblica popular tem elevado os patamares de conhecimentos bíblicos dos membros das CEBs e com seu método tem-lhes devolvido uma confiança e coragem em serem sujeitos intérpretes dessa mesma Palavra.

Ainda nesse setor da pedagogia popular, cumpre assinalar a abundante literatura popular publicada no interior da Igreja, que vai desde cartilhas políticas, lições sobre sindicalismo até histórias da Igreja. Há mais de 50 centros de pastoral pelo país que publicam tais folhetos, folhas mimeografadas, pequenos opúsculos em linguagem popular. Há dois centros, um no Rio — CEDI: Centro Ecumênico de Documentação e Informação — e outro em São Paulo — Centro Vergueiro — que capitalizam em parte todo esse caudal de publicações, sob forma de dossiers, pastas temáticas, publicações-sinopses, etc...

Esse trabalho pedagógico, dispondo de tantos pequenos instrumentos teóricos de publicações populares, tem tido enorme influência na etapa de conscientização das camadas populares e de início de organização. Nesse campo, a Igreja tem desenvolvido papel exemplar, que nenhuma outra organização do Estado ou da oposição tem conseguido. Talvez a razão se deva a que a Igreja detém, de certo modo, a chave reli-

giosa que atinge diretamente o coração, o inconsciente arquetípico de nosso povo. Por sua vez, os outros grupos querem entrar pela porta da razão científica e tem tido maiores problemas. A religião é a porta do coração. E a Igreja tem essa porta através da qual pode atingir as camadas populares, seja para mantê-las na alienação, como para despertá-las para a defesa de seus direitos e para a "nobre luta da justiça" (João Paulo II).

C. O Sentido celebrativo da luta

Participante de três grandes Encontros Intereclesiais de Base, pude observar como a dimensão celebrativa os dominou. Neles se narraram com toda simplicidade, mas realismo, as agruras e sofrimentos do povo. Certamente num meio de classes letradas teria pairado um tom escuro de tristeza ou inconformismo ou de ira. Entretanto, as bases sempre terminavam o dia, depois daquela ladainha dolorosa, em esplendorosas celebrações litúrgicas. Talvez marcada por uma presença nordestina, os participantes dos Encontros revelavam essa característica celebrativa.

Observação semelhante foi feita por analista político a respeito das greves gigantescas que se realizaram no ABC paulista depois de 1978. Mesmo em meio às ameaças de policiais com cães, helicópteros sobrevoando provocativamente o povo, os participantes ainda tinham ânimo de celebrar a greve. Presença de flores, de crianças nos braços das mães, de cânticos festivos foram sinais de tal ânimo. É uma conquista dessas novas mobilizações que não deveríamos perder. Assim os riscos, tão frequentes nos meios mais intelectualizados das esquerdas ou direitas revolucionárias/reacionárias, de espírito de tragicidade, de falta de humor e de festa, podem ser, pelo menos, amenizados por esse sentido lúdico das bases. Também certa hieraticidade eclesiástica rompe-se diante da leveza celebrativa das comunidades de base.

D. Manter as células vivas dos movimentos populares e sua relação com as CEBs

Ainda que já esteja dito de modo implícito, merece, porém, realce o fato de que os movimentos populares nasceram nessa nova fase do entrelaçar-se de inúmeras células vivas de solidariedade nos bairros. Essas teias de relação são alimentadas pelos contactos, pelo interrelacionamento, pelas formas de comunicação popular, pelos "telefones árabes", pelas trocas de informações e experiências, por ações conjuntas, por pequenas formas de organização. Ora, o risco é de que movimentos sociais mais consistentes e fortes terminem por incorporar dentro de si toda essa riqueza, destruindo-lhe a vida própria. Ora, conservar toda essa es-

trutura artesanal é garantia de que os movimentos sociais poderão manter-se num nível de maior participação, evitando o eterno perigo do peleguismo ou das vanguardas elitistas. E nesse sentido, a contribuição das CEBs é única. Pois, já adquiriram cidadania permanente nos meios de Igreja, comprometidos com a base, o respeito, a estima, a valorização desse tipo de trabalho, de experiência, de célula viva. As CEBs estão cheias de tais experiências. E elas as fomentam, alimentam, fortificam. Com essa experiência das CEBs, os movimentos populares poderão comportar-se de modo análogo.

2. LIMITES A SUPERAR

A. Tentação de eclesiomonismo

As CEBs e de certa maneira também alguns movimentos populares valorizam a relação intersubjetiva. Viver comunitariamente aparece como a realização de grande utopia da Igreja e da Sociedade. Assim essa vida comunitária pode gerar grupos humanos, como pequenas ilhas de paz, fechadas em mônadas. Esquece-se a relação dialética com a sociedade, seus conflitos, seus problemas. Naturalmente tal risco é maior em relação às CEBs que aos movimentos sociais populares. A CEB pode pensar quase exclusivamente na solução de seus problemas, descuidando do progresso histórico de libertação. Em outros termos, corre-se o risco da "sectarização", no seu aspecto negativo de isolamento em relação ao mundo externo, criando-se um ideal interno(13). Ao lado desse autofechamento, facilmente se mescla um triunfalismo messiânico ou mais exatamente quimérico. Julga-se constituir o grupo dos salvos, em oposição aos outros, perdidos na sua situação de injustiça, de pecado.

B. Imposição teórica de fora

As teorias políticas e teológicas respectivamente elaboraram categorias dentro de um espaço de dominação, de tal modo que elas exprimem e de certo modo condicionam tal dominação. Grupos militantes dispendo delas exercem papel dominador. Ora, tal limite só pode ser superado por meio de uma libertação das próprias categorias teóricas. Programa que J. L. Segundo traçou para teologia da libertação(14).

Evidentemente por detrás dessa atitude de imposição teórica por

(13) Cf. PERANI, Comunidades Eclesiais de Base, in: *Cadernos do CEAS*, nº 56 – julho/agosto de 1978, pp. 38 ss.

(14) J. L. SEGUNDO, *Libertação da Teologia*, Ed. Loyola, São Paulo 1978.

parte de vanguardistas — políticos ou pastorais conforme o caso se de movimentos sociais ou CEBs — escondem-se certo elitismo e profunda desconfiança diante da capacidade das bases. O povo não sabe. O agente militante tem, com sua teoria, a verdade do projeto salvador a ser imposta, inculcada. Vício antigo.

C. Recuperação do sistema ou da Igreja tradicional

O sistema político como o eclesiástico têm muitas maneiras de anular uma forma nova de tecido social que os questione. Assim anulam-se os movimentos sociais populares ou as CEBs recuperando-os para dentro do sistema oficial. Há maneiras sutis de fazê-lo. A respeito dos movimentos populares há muita reflexão sobre tal temática, baseada em análises concretas de iniciativas em curso por parte de órgãos oficiais a fim de recuperá-los para dentro do sistema. Semelhante risco, correm as CEBs de serem anuladas em sua originalidade, sendo transformadas em subdivisão organizativa de uma paróquia. Existe em curso toda uma experiência em nosso continente de reestruturar a paróquia, naturalmente de cima para baixo, de modo que as CEBs se transformem em corpúsculos paroquiais regidos pelo mesmo dinamismo autoritário e centralizado. Fala-se de “nova imagem paroquial”.

Evidentemente há outra ameaça ainda mais radical. É a intervenção destruidora, seja da repressão política como eclesiástica. Infelizmente conhecem-se exemplos nas duas áreas de desaparecimento de movimentos sociais e de CEBs por causa de tais ações repressivas.

D. Uma celulização sem articulação regional e/ou nacional

As CEBs nascem em grande parte do confronto da Palavra de Deus com a dura realidade social em que as pessoas pobres vivem. Nascem unindo a fé e vida, Palavra de Deus e luta reivindicativa. Mas bem localizadas. Duplo risco. Terminar sua força de coesão, quando a vitória tenha sido alcançada. Como são lutas pequenas, isso tem certa probabilidade de acontecer. Nesse caso, ou a CEB se dissolve ou se torna uma comunidade piedosa, regredindo a modelo anterior. O outro risco é a perda da consciência de uma eclesialidade mais ampla. Essa CEB pertence a uma Igreja local diocesana, que por sua vez está em comunhão com igrejas por todo o mundo. Tal estreitamento de perspectiva tem sua emergência em determinadas celebrações da Eucaristia ou da Palavra, em que unicamente a vida local ressoa. Há todo um trabalho pastoral de alargamento de horizonte, seja no sentido social-cultural abrindo os horizontes da comunidade para outras realidades, seja teológico mostrando o caráter universal da Eucaristia e da Palavra.

Tal percepção tem levado a um crescente esforço da Igreja do Brasil de articular as CEBs entre si. Duas experiências mostraram-se bem sucedidas. Já desde 1975 vem-se organizando cada dois anos, em média, encontro nacional das CEBs. O último acaba de realizar-se em Canindé no início de julho desse ano (1983). Para os estudiosos, depois dos Encontros apareceram, seja uma série de relatórios escritos pelas próprias bases, seja trabalhos elaborados por especialistas em Teologia e Ciências Sociais(15).

Além disso, as igrejas particulares têm promovido encontro entre as CEBs de sua região. Essas experiências vão desde assembléias de centenas de participantes nos grandes salões de nossas instituições eclesíásticas até grandes mobilizações em estádios, como se realizou por exemplo em Vitória, ES, onde os membros de 146 CEBs lotaram o Ginásio esportivo da cidade. Evidentemente essas assembléias transformam-se em verdadeiras celebrações, cujo efeito é mais sobre as consciências que sobre a organização prática de ações. Cria-se uma consciência coletiva de pertença, que abre os horizontes de membros acostumados à pequenez de sua comunidade local. Numa palavra, tem-se articulado com certo sucesso um trabalho capilar de constituição e animação de pequenas comunidades de base, e outro de massa, em que se promovem grandes assembléias e mobilizações religiosas. Evita-se a superficialidade do trabalho de massa, porque é precedido pela atividade de formiga nas bases. E supera-se o espírito de seita ou de campanário, com movimentação de massa.

E. Relação da Cultura e Religião do povo com a libertação

Os membros dos movimentos populares e das CEBs vivem uma situação cultural e religiosa complexa. De um lado, como povo simples e de cultura de pouca/nenhuma escolaridade participa de tradições transmitidas pelas vias primárias da família e relações congêneres. Cultura popular, envolvida na ambigüidade de valores e de fatalismos, que por isso contém gérmenes de alienação e libertação. Cultura também batalhada pelos meios de comunicação de massa, nas mãos de elites sofisticadas. Analogamente vale da religião do povo.

O desafio do compromisso cristão está em evitar os dois extremos, de desprezo pela cultura-religião do povo ou de um populismo ingênuo de sacralização da mesma. Impõe-se relação dialética-crítica, de captação dos valores e de provocação de seus limites.

(15) *SEDOC* 7 (1974) 1057-1216; *SEDOC* 9 (1976) 257-448; *SEDOC* 11 (1979) 705-862); *REB* 41 (1981) nº 162 e 164.

A cultura popular carrega rica experiência de resistência, de luta, de recursos e artimanhas de sobrevivência em situações as mais adversas. Mas de tanto defender e de tanto "enganar a realidade" para sobreviver, criam-se também vícios de acomodação, que paralisam um processo libertador. As artimanhas do povo fizeram-se necessárias para sua persistência em condições super-precárias. Não podem, porém, transformar-se em estratégia permanente, mas devem ceder lugar para projetos de mudança social. Neste trabalho pedagógico abre-se enorme espaço para o cristão letrado ou para uma pastoral organizada.

Muitos seriam ainda os limites e problemas a assinalar. Permito-me remeter o leitor a um trabalho, onde analisei, de modo muito sintético, vários outros entraves(16).

CONCLUSÃO

Tema tão vasto, que apenas pude delinear os eixos centrais. De dentro do marco histórico recente, os movimentos populares aparecem na sua originalidade de um lado e na sua profunda ligação com a história passada de tanta luta e sofrimento. Esses movimentos populares crescem em importância no momento atual de abertura e reorganização social do país.

Como a Igreja não esteve ausente, antes, pelo contrário, presente com enorme vitalidade, na origem de muitos desses novos movimentos populares, cabe-lhe agora continuar com tal presença. Talvez com outras formas. Procuramos definir com os termos "autonomia" e "articulação" essa posição de presença-ausência da Igreja em tais movimentos.

Não nos escapou o fato de que nessas últimas décadas algumas conquistas novas foram feitas. E mantê-las pertence a uma estratégia lúcida. Mas ao mesmo tempo, surgiram limites e problemas. Terminamos apontando alguns na certeza de que a consciência deles já é um primeiro passo para sua superação.

O mundo de hoje caracteriza-se pela percepção de sua globalidade — somos uma "aldeia global" — e por crescente consciência das originalidades regionais. Desse encontro tão amplo e com contribuições de diversos continentes, esperamos que as originalidades contribuam para

(16) Experiences with the Base ecclesial Communities in Brazil, in: *Missiology: An International Review* 7 (1980) 319-338; Experiências das Comunidades Eclesiais de Base no Brasil, in: *CRB: Dez anos de Teologia*, CRB, Rio de Janeiro 1982, pp. 113-138.

concretizar a globalidade e esta para romper a estreiteza dos regionalismos. Desse confronto dialético, enriquecer-se-ão todos os participantes.

O autor é Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana, de Roma e Professor de Teologia na Faculdade de Teologia da Companhia de Jesus, em Belo Horizonte, MG. É autor de inúmeros livros e artigos, entre os quais *Pecado e Opção Fundamental*, Petrópolis 1975; *Evangelização e Libertação*, Petrópolis 1975; *As Grandes Rupturas Sócio-culturais e Eclesiais*, Petrópolis 1980; *A Volta à Grande Disciplina*, São Paulo 1983.

Endereço: Caixa Postal 5047 (Venda Nova) — 30000 Belo Horizonte - MG.